

**Sinagogas:
O espaço religioso e a formação da identidade judaica
amazônica no início do século XX**

Synagogues:
Religious space and the formation of jewish identity in the
amazon region at the beginning of the 20th century

*Eneida Damasceno Borges de Sá*¹

*Marcos Vinicius de Freitas Reis*²

*Andrius Estevam Noronha*³

¹ Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá/AP, Brasil. Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amapá (2022). Pesquisadora do Centro de Estudos Políticos Religião e Sociedade - CEPRES/UNIFAP, E-mail: damascenoeneida@gmail.com

² Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Federal do Amapá. Pesquisador do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade – CEPRES. E-mail: marcosvinicius5@yahoo.com.br

³ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá nos seguintes cursos: Mestrado Profissional em História (Prof História); Mestrado Acadêmico em História; Especialização em História e Historiografia da Amazônia; Curso de Licenciatura em História. Pesquisador do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES) e do Grupo de Estudos Coloniais Amazônicos (GESCAM). E-mail: andriusds@hotmail.com

RESUMO

Esta pesquisa explora a formação da identidade judaica por meio da fundação de sinagogas na Amazônia, focando no jornal *Kol Israel*. Este foi o primeiro periódico judaico da região amazônica, circulando no Pará e áreas interioranas no início do século XX. A análise de fontes jornalísticas revelou como os imigrantes estabeleceram sua presença na região através da criação de instituições e sinagogas, fundamentais para a prática de rituais e expressão da religiosidade, destacando-se como uma comunidade ativa nos centros urbanos do norte do Brasil. Descendentes de imigrantes marroquinos do século XIX, essas comunidades judaicas se inseriram na sociedade amazônica, influenciando a economia e participando ativamente de práticas religiosas. Alguns membros se destacaram em cargos públicos devido às relações sócio-políticas com o Partido Republicano Federal.

PALAVRAS-CHAVE: Judeus amazônicos; Sinagogas; Identidade.

ABSTRACT

This research explores the formation of Jewish identity through the establishment of synagogues in the Amazon, focusing on the newspaper *Kol Israel*. This was the first Jewish periodical in the Amazon region, circulating in Pará and the interior areas in the early 20th century. The analysis of journalistic sources revealed how the immigrants established their presence in the region through the creation of institutions and synagogues, which were fundamental for the practice of rituals and the expression of religiosity, standing out as an active community in the urban centers of northern Brazil. Descendants of Moroccan immigrants from the 19th century, these Jewish communities integrated into Amazonian society, influencing the economy and actively participating in religious practices. Some members distinguished themselves in public positions due to socio-political relationships with the Federal Republican Party.

KEYWORDS: Amazonian Jews; Synagogues; Identity.

Introdução

Este estudo tem como objetivo investigar como os judeus que migraram do Marrocos para o norte do Brasil se organizaram para preservar sua identidade cultural e religiosa na sociedade amazônica. Para essa análise, será utilizado o jornal *Kol Israel* (Voz de Israel), criado pela comunidade judaica de Belém, capital do Pará. Este periódico circulou nas áreas urbanas e rurais da região amazônica entre 1918 e 1923.

Os objetivos específicos incluem verificar publicações sobre as sinagogas estabelecidas na região amazônica através do jornal *Kol Israel*, examinar a estruturação das sedes religiosas judaicas em um período em que a igreja predominante do Brasil era a católica. Também busca compreender o papel vital dessas sedes religiosas na formação da identidade judaica na Amazônia, trazendo consigo suas tradições, diferenças culturais e integrando-se à sociedade local, como também analisa as relações político sociais da comunidade judaica amazônica com integrantes do Partido Republicano Federal.

As fontes originais do jornal *Kol Israel* estão no Arquivo Central do Povo Judeu em Jerusalém, Israel. Cópias desse periódico foram levadas para o Museu Judaico de São Paulo/CMMJ, instituição que compõe o maior acervo sobre comunidades judaicas residentes no Brasil. Cabe ressaltar que o judeu Moisés Eliezer Levy, foi diretor e fundador desse periódico judaico. Levy tinha descendência marroquina e se destacou como um dos principais líderes da comunidade judaica amazônica. Nas primeiras décadas do século XX, ele fundou associações e instituições judaicas que visavam, principalmente, divulgar o movimento sionista na região norte do país e ainda, destacou-se em

cargos públicos, sendo três vezes nomeado prefeito nas cidades de Macapá/AP e Afuá/PA.

Esta pesquisa tenciona compreender como a comunidade judaica se organizava em termos político-sociais, operando por meio de sinagogas e instituições judaicas, e como alguns membros tinham laços políticos com o Partido Republicano Federal. É importante mencionar a escassez de estudos históricos sobre essas comunidades, especialmente, através da análise de documentos impressos produzidos por elas. O tema foi escolhido devido à influência significativa desses judeus nos setores social, político, econômico e cultural da sociedade amazônica, em comparação com outros grupos de estrangeiros que imigraram para a região no mesmo período.

A hipótese central desta pesquisa sugere a presença de uma comunidade judaica que se destacou como um grupo social ascendente, adentrando esferas de poder e se estabelecendo através de sinagogas e instituições judaicas fundamentais para a manutenção da identidade judaica na Amazônia. A maioria desses judeus imigrantes veio do Marrocos, estabelecendo-se no comércio e em profissões liberais, e se organizaram por meio de instituições como associações, comitês e sedes religiosas judaicas.

O jornal *Kol Israel* apresenta artigos sobre associações judaicas e seus membros, permitindo a análise das relações sociais desses judeus com alguns membros do Partido Republicano Federal, bem como de seus rituais sagrados, destacados na seção “Notas Sociais” do periódico. Assim, pretende-se responder à questão de como o jornal *Kol Israel* retrata as relações sociais e políticas desses judeus com a elite local, essenciais para a manutenção de instituições e sinagogas, elementos fundamentais para a preservação da religiosidade e identidade judaica.

A presença de judeus marroquinos na região amazônica ainda é significativa, apesar de não ter um número expressivo de judeus, as sinagogas continuam a desempenhar um papel importante na preservação das tradições e práticas culturais judaicas. As celebrações religiosas e sociais possibilitam a manutenção dessa identidade judaica amazônica, além de preservar a presença histórica dessa comunidade de imigrantes.

Algumas personalidades judaicas também se destacam nos círculos políticos do norte brasileiro, como por exemplo o descendente de judeus marroquinos Davi Samuel Alcolumbre Tobelem, membro do partido União Brasil e atualmente senador pelo estado do Amapá. A família Alcolumbre imigrou no início do século XX para a região amazônica e trabalhavam com vendas de produtos, especialmente, no comércio de regatão, transporte fluvial fundamental para a circulação de produtos e serviços de informações a população ribeirinha. Sendo uma das atividades econômicas exercidas por judeus residentes na Amazônia.

Nesse processo, o presente artigo foi dividido em três seções: a primeira analisa a formação da identidade dos grupos de imigrantes que mantinham conexões sociais com suas origens; a segunda trata da fundação das primeiras sedes religiosas judaicas na região e o terceiro capítulo aborda as relações político-sociais dos judeus com os grupos de poder na região amazônica.

A formação da identidade judaica na Amazônia

A preservação da identidade judaica na região amazônica foi viabilizada principalmente pela formação de sedes religiosas estabelecidas no norte do Brasil nas primeiras décadas do século XIX. A primeira sinagoga criada no país foi estabelecida em Pernambuco durante o período colonial, durante a ocupação

holandesa. A liberdade religiosa permitiu que os judeus residentes na região retomassem suas práticas religiosas, levando à criação da sinagoga Kahal Kadosh Zur Israel, ativa durante a presença holandesa na capitania de Pernambuco. A perseguição histórica e expulsão dos judeus de suas terras levou qualquer lugar, seja interno ou externo, a se tornar um local de oração para eles.

Esse mesmo fenômeno ocorreu nos locais onde as sinagogas judaicas foram fundadas no início do século XIX. Os lares eram utilizados para a realização dos rituais judaicos, o que ajudou esses imigrantes a manterem sua identidade religiosa e cultural. Além disso, os grupos judaicos originários da mesma região tendiam a se estabelecer na mesma localidade de acordo com sua nacionalidade. Embora não fosse uma regra absoluta, já que algumas vezes esses judeus se dispersaram por diversas regiões urbanas e rurais do país.

Alguns exemplos incluem a comunidade judaico-marroquina concentrada nas regiões amazônicas, os judeus alemães presentes no Rio Grande do Sul, e os judeus franceses e ingleses nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Um fator que contribuiu para a formação de comunidades unificadas de judeus de mesma origem foi o padrão de imigração baseado em unidades familiares, mesmo aqueles que se deslocavam sozinhos, geralmente eram recebidos por parentes ao chegarem ao Brasil. Em alguns casos, eles retornavam a seus países de origem apenas para se casar e voltar ao novo local de residência, como destacado por Heller:

Benchimol conta que, avançando-se pelo século XX, os judeus marroquinos instalavam-se em uma parte da cidade de Belém; e os sefaraditas de outras procedências, em outras áreas. O mesmo ocorreu no Rio de Janeiro, entre os judeus sírio-libaneses e os do Magreb. Uma razão para isso era que a necessidade de morarem perto de suas sinagogas comunitárias

para que não precisassem andar muito aos sábados, o dia sagrado. Os judeus, então, organizavam-se por lugar de origem (Heller, 2010, p. 99).

Estes laços familiares foram cruciais para a preservação dos rituais religiosos dos judeus marroquinos estabelecidos nas capitais principais, especialmente Belém/PA e Manaus/AM, bem como em áreas mais remotas da floresta amazônica. Mesmo aqueles que viviam em regiões ribeirinhas e na ilha do Marajó, conseguiram manter suas tradições e costumes, principalmente através das orações e da observância do sábado, dia sagrado para o judaísmo, preservando os rituais e tradições litúrgicas de seu grupo religioso de origem.

De acordo com Barros (2005), as representações coletivas ocorrem mediante a capacidade de um grupo se fazer reconhecer por sua existência. A comunidade judaica na Amazônia se via como um grupo distinto, apesar das diferenças culturais entre os judeus marroquinos, conectados por processos dinâmicos e influenciados por forças sociais diversas. O jornal *Kol Israel* é reconhecido por seus redatores como o representante da comunidade hebraica em Belém/PA, refletindo a importância que esses judeus davam à representação de um grupo organizado e ativo.

Durante festas e celebrações sagradas, eles se reuniam em residências para realizar cerimônias da tradição judaica trazida pelos imigrantes. O jornal *Kol Israel* documenta eventos como circuncisões, bar mitzvás e casamentos entre judeus, seguindo as liturgias de seus antepassados. Essa prática era em parte resultado das viagens de ida e volta ao Marrocos, e das relações sociais entre os judeus amazônicos e os grupos judaicos de lá. Nas “Notas Sociais” do *Kol Israel*, são revelados aspectos do cotidiano das famílias judaicas na área urbana e no interior da Amazônia. Viagens para cidades como Tânger, Tetuão e Rabat (no

Marrocos) eram comuns, feitas para casamentos, resolução de questões de herança e visitas a parentes e amigos.

Esses fatores foram essenciais para a criação das instituições religiosas judaicas no norte do Brasil. Embora o número de imigrantes judeus não tenha sido tão grande como de outros grupos étnicos na região norte, a organização e o estabelecimento dessas instituições foram cruciais para manter e fortalecer a identidade judaica amazônica.

Sinagogas na Amazônia: “espaço comunitário e religioso dos judeus amazônicos”

A constituição de sinagogas na Amazônia ocorreu no decorrer do século XIX, período de maior expressão imigratória de judeus de várias partes da Europa e norte da África para o Brasil. Esses espaços religiosos consolidaram a presença de judeus na região amazônica, visto que estavam sofrendo perseguições antissemitas e constantes conflitos internacionais na região marroquina. Eles exerceram atividades voltadas à exportação e importação de produtos amazônicos, vendas de artigos importados da Europa negociados nas principais empresas e comércios das cidades e regiões do interior amazônico. Além disso, exerciam profissões liberais e destacavam-se nos círculos sociais e políticos, consolidando-se nos principais grupos de elite da Amazônia.

Após isso, a consolidação de sinagogas na Amazônia reflete as mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais desse período. Um ponto crucial para o início dessas mudanças foi o Tratado de Aliança e Amizade, assinado em 1810 na cidade do Rio de Janeiro entre as coroas de Portugal e do Reino Unido da Grã-Bretanha, que estabeleceu o fim do tribunal da Santa Inquisição no Brasil.

Este acordo político-econômico entre as potências portuguesa e inglesa iniciou a discussão sobre a liberdade de culto no país, desencadeando as

transformações necessárias para o deslocamento de grupos e indivíduos de várias crenças religiosas. A abertura dos portos às “nações amigas” resultou em um maior influxo de imigrantes estrangeiros, influenciando as transformações sociais e culturais do país, tanto no âmbito religioso como no intelectual e moral.

As sinagogas judaicas só ganharam maior destaque e passaram por transformações arquitetônicas após a Revolução Francesa. Nas primeiras décadas do século XIX, surgiram sinagogas imponentes nos principais centros urbanos dos países ocidentais. Leone (2019) explica que essas sinagogas, construídas como locais de oração, são um fenômeno recente e estão ligadas à emancipação dos judeus, que obtiveram direitos de cidadania em seus lugares de origem, além de conquistarem direitos civis que lhes permitiram entrar em locais anteriormente proibidos para eles.

Os primeiros imigrantes judeus que chegaram à Amazônia estabeleceram residência, especialmente nas capitais dos estados do Pará e Amazonas. Algumas famílias judaicas também viveram em várias regiões no interior amazônico, longe das grandes cidades, desempenhando atividades econômicas como meio de subsistência, dominando o comércio de importação e exportação de produtos através dos rios amazônicos. Essa presença é evidenciada pelas sinagogas e cemitérios judaicos construídos em cidades da região norte do país.

As sinagogas são consideradas espaços sagrados pelos judeus, tanto as sedes religiosas quanto os cemitérios contribuem para a formação da identidade desse grupo. A região amazônica é um local de contínua imigração, com pessoas vindo de outras regiões do país e estrangeiros, incluindo as famílias judaicas estabelecidas nas principais cidades da região como Belém/PA,

Manaus/AM, Santarém/PA e Macapá/AP, além de áreas rurais, nas ilhas do Marajó e seus entornos no delta amazônico.

O primeiro censo sobre as sinagogas no país iniciou-se na primeira década do século XX, logo após a promulgação do Decreto nº 6.455 de 5 de abril de 1907, que aprovou a liberdade religiosa de todas as crenças e cultos praticados por grupos de imigrantes residentes no Brasil. A Repartição de Estatística do governo federal tinha como objetivo conduzir pesquisas sobre as estatísticas de práticas religiosas, data de fundação da sinagoga e número de membros afiliados.

Estava em adiantada elaboração, nos princípios de 1913 a estatística do culto católico, e dava-se também andamento á dos cultos protestantes. Para completar o esquema estatístico do ponto de vista religioso, faltavam os dados pertinentes aos cultos positivista, judaico e mulçumano (Bentes, 1987, p. 350).

O estudo sobre o número de adeptos da religião judaica não alcançou consenso, visto que os judeus migraram de várias partes da Europa e do Norte da África, formando sua identidade própria, oriunda da diversidade cultural e religiosa. Além disso, a estabelecimento de sedes religiosas judaicas não se baseia exclusivamente em templos construídos para tal fim, o que dificultava o mapeamento deles. Alguns desses espaços eram salões alugados ou residências de membros da comunidade judaica utilizadas para rituais. Esses lugares, em muitos casos, eram instáveis devido a mudanças frequentes de endereço. Uma razão possível para isso é que ao chegar ao Brasil, eles alugavam locais temporários para residir antes de se mudarem para outros locais no país.

O estabelecimento de sinagogas também está relacionado ao número de grupos judaicos vindos da mesma região de origem, dado que muitas famílias judaicas migraram de diferentes países, a unificação em torno de práticas

religiosas e culturais era complexa. Isso, no entanto, não impediu a criação de sedes religiosas judaicas, especialmente no norte do Brasil. Estatísticas até o ano de 1915 mostram a presença destas sedes nos estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Distrito Federal e Pará, com o estado do Pará possuindo a sinagoga mais antiga da região amazônica e o maior número de filiados.

De acordo com dados de uma repartição governamental, as sinagogas “A Porta do Céu - Shaar Hashamaim” e “Dedicação de Abraham - Essel Abraham” na cidade de Belém/PA foram as mais ativas em rituais religiosos e com maior número de filiados. Isso levanta a questão: por que essas sinagogas específicas tinham mais afiliados do que outras no Brasil? Uma das razões está ligada à imigração de judeus marroquinos para a Amazônia, onde se formaram dois grupos: Toshavim e Megorashim, que se estabeleceram na região, facilitando a unificação em práticas religiosas, devido à região comum de origem dos imigrantes.

Segundo Bentes (1987), uma única sinagoga seria suficiente para atender a comunidade judaica em Belém, no entanto, diversidade linguística e cultural da região marroquina foi um fator que influenciou a fundação das duas sinagogas, sendo a Essel Abraham composta por judeus de língua espanhola e a Shaar Hashamaím por famílias judaicas do Marrocos que falavam francês e árabe.

O jornal *A Voz de Israel* tem poucas referências às sinagogas na Amazônia, levantando o questionamento do por que um jornal judaico não destacar essas sedes. Uma possível explicação é que a comunidade judaica na Amazônia tinha laços político-sociais com membros do Partido Republicano Federal e integrava lojas maçônicas no estado do Pará. Como o discurso republicano enfatizava a laicidade do Brasil, essa poderia ser uma explicação da

falta de no periódico *Kol Israel*. É importante frisar que a comunidade judaica não buscava converter adeptos à sua religião.

Relações de poder da elite judaica na política amazônica

Durante a década de 1920, o Pará enfrentava uma grave crise econômica devido à queda na economia da borracha, assim, tentando se recuperar, o governo estadual incentivou a vinda de novos investidores para a região. De acordo com Castro (2017), os sucessivos governadores republicanos culpavam seus antecessores pela crise, além da escassez de habitantes no interior do estado. O autor menciona também a crítica de alguns líderes políticos ao governo central, por favorecer demais o café em detrimento de outras atividades econômicas no país.

Mesmo com a crise na extração da borracha, as autoridades locais defendiam a valorização e comércio internacional desse produto. No entanto, a produção de látex na Amazônia perdeu terreno para a *Hevea brasiliensis* cultivada na Ásia. A região só voltou a exportar borracha nos anos 1940, por meio de um acordo com os Estados Unidos da América. Nesse período jornal *A Voz de Israel* enaltecia o governador Lauro Sodré como salvador do estado. Grupos de elite, incluindo Sodré-que foi o primeiro governador eleito do Pará-, estavam no poder alternadamente, tendo conexões com Eliezer Levy e judeus influentes na elite e na maçonaria paraense.

Levy era um judeu que participava ativamente da elite política paraense, coligado ao partido republicano fundou escolas, comitês, clubes beneficentes, biblioteca e o jornal *A Voz de Israel*, que se tornou objeto de propaganda para os discursos republicanos e principalmente para a causa sionista. No decorrer da década de 1930 Levy foi nomeado por duas vezes pelo interventor federal

Magalhães Barata, para exercer o cargo de intendente municipal da cidade de Macapá, município do estado do Pará até 1943, e no início da década de 1940 ocupou o mesmo cargo na cidade de Afuá, região localizada na Ilha do Marajó. Durante o período em que foi prefeito de Macapá, iniciou a construção do trapiche Eliezer Levy, um importante ponto de embarque e desembarque de cargas e passageiros. Também foi responsável pela fundação da Casa comercial 2 de julho localizada no mesmo município.

Levy manteve atividades comerciais na cidade de Belém, capital do Pará, onde era proprietário da firma E.Levy & Cia. - Comissões e Consignações, além de criar uma escola em Belém voltada para a comunidade em geral também criou o externato Dr. Weizman no ano de 1919, através da Sociedade Beneficente Israelita, órgão judaico voltado para as causas sionistas e atendimento social aos judeus residentes na Amazônia e recém-chegados de outros países. Neste período, Levy era o diretor da Sociedade Beneficente Israelita e juntamente com outros membros desta associação judaica deliberaram sobre a criação do primeiro externato fundado por judeus amazônicos. O nome dado à escola foi uma homenagem a um dos principais líderes do movimento internacional sionista o judeu Chaim Weismann, presidente da Federação Sionista da Inglaterra, que mantinha contato através de correspondências com os sionistas da Amazônia e do Brasil.

A fundação do externato foi divulgada pelo jornal *Kol Israel* como um espaço escolar acessível a alunos, independente de suas crenças religiosas. É importante ressaltar que essa iniciativa estava alinhada a uma das políticas do Partido Republicano desde o século XIX, reforçando a ideia de que o Brasil deveria ser um estado laico. Outro aspecto relevante é que o modelo de ensino adotado não diferia das outras escolas fundadas pelos republicanos. O externato oferecia educação gratuita, destacando que sua base curricular seguia

as normas de ensino educacional do Estado e proporcionava materiais escolares, roupas e sapatos para os alunos mais carentes. No artigo intitulado *A Escola Dr. Weizmann*, publicado no *Kol Israel*, é informada a data oficial de criação da instituição e seu modelo educacional:

Referimo -nos á criação já effectivada do Externato Mixto Dr. Weizmann com um curso completo dos estudos elementares, de accôrdo com a lei do ensino primario do Estado, ampliada ainda com o ensino de prendas, nos variados trabalhos de machina e agulha, e aprendizagem da lingua hebraica pelos modernos methods europeus.

Acceitando indistinctamente alumnos de todas as confissões religiosas, só isso bastava para constituir um titulo de recomendação publica: mas fez mais e foi mais longe ainda (Kol Israel, publicado em 1º de setembro de 1919 (1 de Taschry de 5680) Ano I-N.10)

A escola foi inaugurada no dia 15 de novembro, data de comemoração da proclamação republicana, isso também indica a correlação desses judeus com o partido republicano federal. A inauguração do externato ocorreu na Associação Beneficente Israelita, onde estavam presentes a comunidade judaica e figuras que faziam parte do governo vigente. Posteriormente a inauguração o periódico judaico destaca a visita de Luiz Barreiros ao externato, afiliado ao partido republicano e laurista da velha guarda, comandava o *Diário Oficial* do estado e era diretor geral das Ligas das escolas do Pará. O aviso sobre a inauguração oficial foi publicado no periódico, o artigo destacou a importância dessa data de inauguração, como também a participação da comunidade judaica com os custos financeiros dessa instituição educacional:

EXTERNATO DR. WEIZMAN

A directoria da Associação Beneficente Israelita pede ás pessoas do interior, a quem foram distribuidas listas para angariar

donativos para o Externato Dr. Weizmann, a fineza de as devolver com o respectivo propucto visto estar definitivamente marcada a abertura deste para o dia 15 do corrente, commemorando assim a grande data da Republica Brasileira (KOL ISRAEL, Ano II-número 12, na página 53 em data ilegível)

Além de fundar um externato, o judeu Eliezer Levy também participou da criação de um grêmio literário e recreativo chamado Theodor Herzl. O jornal relata que estudantes judeus da Associação Beneficente Israelita estabeleceram uma biblioteca exclusiva para os associados às instituições judaicas. O principal objetivo era incentivar um número crescente de jovens judeus a se aprofundarem em leituras sobre o movimento sionista.

Uma das últimas publicações do jornal no final de 1923 faz referência a fundação de uma biblioteca israelita nomeada Max Nordau, que era o presidente das associações sionistas no país, esta instituição foi descrita no artigo como uma representação da colônia “hebraica” na sociedade paraense. A deliberação sobre a fundação da biblioteca partiu dos membros da Associação Beneficente Israelita, sendo a proposta feita por Eliezer Levy que discursou sobre a importância desse espaço para divulgar a causa sionista aos membros da comunidade judaica. O presidente da sessão Moysés S. Levy, designou Eliezer Levy e o farmacêutico José Zagury para a organização desta biblioteca.

A atuação política de Levy tem relação direta com a sua participação como membro da loja maçônica de Belém e de Macapá, pois fazia parte do grupo de elite econômico e político do Pará, neste sentido, percebe-se a influência de judeus de elite em quase todo território amazônico. No decorrer da década de 1920, Eliezer Levy atuou também na esfera jurídica como advogado no escritório de Francisco Jucá Filho que era procurador geral do Estado. Nesse escritório Levy prestava diversos serviços de apoio às entidades

judaicas e contribuições significativas para divulgação e debates sobre o movimento sionista. Já na esfera legislativa, Levy tinha estreita ligação com o deputado estadual Álvaro Adolfo de Silveira que era membro do Partido Conservador. Essas relações sociais e políticas foram fundamentais para a criação do *A Voz de Israel*, uma vez que Álvaro Adolfo dividia o mesmo escritório de advocacia com Eliezer Levy e acompanhava as movimentações e discussões sobre a causa sionista. O deputado foi um dos assessores políticos do diplomata Oswaldo Euclides de Sousa Aranha e figura fundamental para a articulação política na decisão da votação da Organização das Nações Unidas para a criação do estado de Israel e Palestina. Conforme explica Falbel:

Sultana Rosenblatt relata que na hora da votação para o reconhecimento do Estado de Israel, Álvaro Adolfo sentiu que conhecia minuciosamente o assunto, sem se lembrar bem como e porque. Após uma retrospectiva, passou por sua lembrança o escritório da rua 13 de maio, onde Eliezer Levy trabalhava e onde se discutiam assuntos sobre a criação de Israel. Álvaro Adolfo era coordenador da votação e conseguiu descobrir três países que votariam contra: pediu a Oswaldo Aranha que suspendesse a sessão, e após vários dias de trabalho na conquista dos adversários, conseguiu dobrá-los. Continuada a votação, o resultado foi: “mais dois votos favoráveis e um em branco”, o que levaria a criar a maioria necessária para a formação de um Estado Judeu (Falbel, 2008, p. 554).

A participação de alguns membros das comunidades judaico-marroquinas nos círculos políticos da Amazônia garantiu que essas comunidades adentrassem espaços públicos e privados como a ocupação em cargos políticos e nas atividades comerciais exercendo gerenciamento de empresas ou sociedade majoritária em empresas de importação e exportação. Moisés Eliezer Levy formava o grupo de judeus que foi pioneiro no ativismo a favor do movimento internacional sionista.

A relação da comunidade judaica com membros do Partido Republicano Federal é destacada em alguns artigos do jornal *Kol Israel*, pois aparece em destaque nas publicações o governador da época Lauro Sodré, eleito senador pelo estado do paraense, teve papel importante na implantação da República no Brasil, sendo ainda líder maçônico e líder do Partido Republicano. Sua relação com o judeu Eliezer Levy mostrava a influência de judeus na autonomia comercial, política e cultural, incluindo a luta por direitos civis. A presença judaica na maçonaria paraense desde o século XIX evidencia sua influência e domínio de atividades comerciais nas capitais amazônicas por meio de nomes como Abraham Baruel, Rubim Namias, Isaac Sgnlai, Salomão Laluff, entre outros.

O jornal *A Voz de Israel* registrou o funeral do comerciante judeu Elias José Salgado, integrante da maçonaria, com participação destacada de membros das principais lojas maçônicas paraenses. O enterro de Salgado, no cemitério judaico antigo do Guamá, em Belém, contou com a presença de figuras políticas como o Capitão Alberto de Mesquita, aliado de Lauro Sodré. O funeral seguiu ritos maçônicos e contou com membros das associações judaicas locais.

SESSÃO FUNEBRE - Conforme fora anunciado a benemerita loja maçônica Firmeza e Humanidade realizou na noite de 19 do corrente uma solen e sessão de pompa funebre para homenagear a memoria do prestimoso obreiro de seu quadro - Elias José Salgado - no 30º dia de seu passamento. A's 9 horas da noite sob a presidencia do tenente-coronel Alberto de Mesquita, veneravel da Officina... (Kol Israel, publicado em 16 de fevereiro de 1920 (27 de Shebat de 5680) na segunda página, Ano II-N.14)

A influência dos judeus no desenvolvimento das ideias republicanas é evidenciada nas páginas do jornal *A Voz de Israel*, por meio de suas conexões

políticas e sociais com a maçonaria, esse fenômeno pode ser atribuído às principais causas que levaram as comunidades judaicas a migrarem para o Brasil. Os judeus imigrantes escapavam do antissemitismo crescente na Europa do século XIX, enquanto os grupos judaico-marroquinos fugiam das perseguições religiosas no norte da África. Assim, os ideais republicanos atendiam a certas aspirações desses judeus que não enfrentaram perseguições no país; pelo contrário, eles se integraram à elite amazônica e se beneficiaram com o advento da República e das novas políticas implementadas no que diz respeito aos elementos religiosos.

No artigo intitulado *Retrospecto econômico*, o periódico judaico enfatiza a imparcialidade política dos responsáveis pelo jornal *A Voz de Israel*. O teor da reportagem enaltece constantemente os líderes públicos, indicando apoio ao governo vigente e ao partido do então líder estadual. O jornal descreve uma cidade em crise econômica, mas em processo de recuperação, elogiando diversos indivíduos ligados ao governo laurista. Destaca-se Martins Pinheiro, intendente municipal de Belém e afiliado político ao partido republicano paraense desde o final do século XIX, que foi redator político em *A República* e membro da primeira comissão executiva do Partido Republicano Federal:

O credito do Estado está restabelecido no exterior. Lauro Sodré, o benemerito, redimio as nossas culpas e resgatou a nossa honra, solvendo com pontualidade admiravel os compromissos externos.

A testa do thesouro está José Malcher, a honorabilidade em pessoa e braço direito e forte da administração publica.

Como chefe da Municipalidade vamos encontrar Martins Pinheiro, o incansavel, o administrador probidoso e honrado, o restaurador dos creditos municipaes. Elle, como Lauro Sodré, tem religiosamente solvido os compromissos do *funding*, ás vezes até antecipadamente.

Com taes homens, responsaveis pelos negocios publicos, podemos estar tranquillos e confiar na sua acção benefica e

moralizada. (Kol Israel, publicado no ANNO I-N.2 em 1º de janeiro de 1919 (ano judeu 29 de Tebet de 5679) página de número 4).

Temos o nosso credito restaurado e na grande communhão do trabalho ha lugar para todos. Lauro Sodré não aninha em seu coração a menor parcella de odios, e sim amor, grande amor á sua terra e ao seu povo.

Temos fé que s. exc. ha de fazer deste Estado uma unidade de respeito na federação, pelas suas industrias, pelas suas artes, pela sua instrucção, pelo seu commercio e, sobretudo, pela honorabilidade do governo.

A colonia hebraica que, na sua grande maioria, sempre foi laurista da velha guarda, sente se bem em trazer no dia de hoje suas homenagens ao preclaro cidadão e a Voz de Israel tem prazer em saudar s. exc. com a mais jubilosa expansão, augurando-lhe para o resto de seu fecundo governo, a realização de todos os seus sonhos de ardente patriota e devotado paraense. (Kol Israel, publicado no ANNO I-N.2 em 1º de janeiro de 1919 - ano judeu 29 de Tebet de 5679 - página de número 4).

As cidades da Amazônia passaram por um período de urbanização durante a Belle Époque, mas a década de 1920 marcou uma mudança em relação aos momentos áureos da urbanização decorrente da economia do látex. Mesmo com um sistema de produção modesto no Pará, a falta de investimento do governo federal era o grande obstáculo. Os artigos do jornal *A Voz de Israel* e outras publicações locais pintavam um quadro positivo da situação econômica e social do Pará, buscando destacar a prosperidade e riqueza da região. O objetivo era mostrar à sociedade que o regime republicano e seus representantes estavam trazendo a modernidade e o desenvolvimento necessários para o crescimento do estado. Em particular, o artigo intitulado *Uma administração fecunda*, revelava o apoio político de alguns judeus da Amazônia à velha guarda republicana, ocupando duas páginas do jornal judaico:

Coube a Lauro Sodré organizar constitucionalmente o nosso Estado, dar-lhe vida jurídica e social, enfrentar e resolver com acerto e sabedoria os vários complexos problemas de interesse público. Deu feição nova a todos os ramos da administração pública, definiu as responsabilidades de cada um, assegurou plenamente todas as garantias aos seus concidadãos, cercou a magistratura de conforto e respeito para o perfeito exercício da sua nobilíssima função, reorganizou o tesouro e departamentos arrecadadores, de sorte que a receita, sem vexatórios gravames, sobrepujasse a despesa, havendo sempre saldos orçamentários; tratou com desvelado carinho da instrução pública elementar e secundária e em especial do proletariado e de orphãos desvalidos (Kol Israel, página 12, em publicação de 1º de fevereiro de 1919 - 1º de Adar- Richon- de 5679 - Ano I, N. 3).

Os membros do Partido Republicano Federal estavam associados às primeiras lojas maçônicas do Pará, que tinham como lema principal o pensamento iluminista e a “modernização das estruturas sociais e políticas da região amazônica”. Essas lojas, fundadas no Pará desde meados do século XIX, acompanhavam as mudanças sociais, políticas e econômicas do Brasil e da Amazônia, defendendo ideais republicanos e outras temáticas essenciais para a modernização do país. As interações sociais desses grupos ocorriam por meio de associações, partidos políticos e jornais, que desempenhavam um papel crucial na divulgação dos ideais republicanos. Além disso, no trecho citado acima, onde se menciona “a colônia hebraica que, em sua maioria, sempre foi leal à velha guarda”, fica claro que essa elite judaica apoiava o partido republicano desde a queda da monarquia, com membros como Sodré, ativo na maçonaria de Belém/PA durante a transição para o sistema republicano.

Embora houvesse ligações dos líderes desse jornal judaico com o Partido Republicano Federal no Pará e menções de apoio da “colônia hebraica” à velha

guarda republicana, não se pode generalizar as escolhas políticas e afiliações partidárias dessas comunidades judaicas.

A diversidade cultural desses grupos influenciava suas escolhas políticas, tendo a elite judaica amazônica proximidade com o partido republicano, enquanto algumas comunidades judaicas em São Paulo se relacionavam com partidos de esquerda e outros movimentos divergentes dos grupos elitistas daquela cidade. A análise da atuação política das comunidades judaicas na Amazônia entre os séculos XIX e XX é desafiadora devido à escassez de documentos e ao constante fluxo de imigrantes judeus no país, o que dificulta definir posicionamentos políticos dessas comunidades.

O estudo de personalidades judaicas que ocuparam cargos governamentais ajuda a compreender parte do posicionamento político de judeus influentes na Amazônia, como Eliezer Levy e Abraham Mair Bemerguy, mencionados como intendente municipal de Afuá e coronel, respectivamente, com possíveis ligações ao partido republicano paraense. Bemerguy também era reconhecido como comerciante destacado e líder político respeitado em Afuá pelo jornal *Kol Israel*. Outro destaque na elite judaica foi Jayme Jacinto Aben-Athar, médico e diretor do instituto Pasteur no governo laurista, associado ao grupo político de Sodré desde o fim do século XIX e membro do Grêmio Paraense no Rio de Janeiro, dedicado ao recrutamento e formação de apoiadores de Sodré.

O nome de Jayme Aben-Athar foi mencionado no jornal *A Voz de Israel* em parabenizações por seu aniversário e cargo como diretor do instituto Pasteur, em 1º de junho de 1919 (3 de Sivan de 5679) Ano I-N. página 31, na seção de Notas Sociais:

Não é sem grato desvanecimento que registramos neste jornal o aniversário do nosso presado e particular amigo dr. Jayme Aben-Athar. Abraçando uma espinhosa carreira, como a de medico, tornou-se um verdadeiro sacerdote do Bem e a golpes de talento tem-se imposto á consideração dos seus collegas á confiança dos seus clientes. Especializando-se num dos ramos de medicina, deixou vigorosos traços do seu saber profissional no Instituto de Manguinhos, então, sob a direcção desse tão sabio quanto esquecido bacteriologista que se chamou Osvaldo Cruz e que tanto relevo científico deu ao Brazil nos centros de maior cultura. Após a sua formatura exerceu varias commissões neste Estado, desempenhando-as sempre com a maxima competencia respeitável, até que com a propagação do virus rabicco, o governo criou o instituto Pasteur, entregando sua direcção ao dr. Aben-Athar, o mais competente d'entre todos os nossos para essa delicada incumbencia.

Durante o século XIX, surgiram jornais republicanos para disseminar novas ideias políticas e minar o poder monárquico. No início do século XX, a república já estava estabelecida, ainda assim, os jornais permaneciam buscando fortalecer a imagem dos republicanos e desacreditar seus oponentes. Apesar de apoiar o sionismo na Amazônia, o jornal *Voz de Israel* continuou a promover os ideais republicanos.

Em um artigo de 1923, o jornal menciona a criação da Biblioteca Israelita Max Nordau, representando a comunidade hebraica no Pará. A iniciativa partiu da Associação Beneficente Israelita, com Eliezer Levy, do jornal *Kol Israel*, destacando a importância do local para difundir o sionismo entre os judeus. Eliezer Levy e José Zagury foram designados para organizar a biblioteca.

A Associação Beneficente Israelita sediou várias atividades, incluindo eventos religiosos, casamentos e funerais, além de apoiar causas sociais para judeus no Pará e imigrantes na Amazônia. O jornal *Kol Israel* mencionava em pequenas notas as eleições da associação e do comitê Ahavat Sion, liderados por judeus ativos também na economia local, que participaram de um desfile em

1918 com o governo de Lauro Sodré e a comunidade judaica. A criação desses espaços destinados à comunidade judaica e à população local demonstra a influência direta desses judeus na elite da região amazônica.

Considerações finais

A comunidade judaica amazônica preservava seus rituais sagrados por meio de suas tradições religiosas, realizados nas sinagogas das principais capitais amazônicas, celebravam batismos, casamentos, circuncisões e outros eventos para manter viva sua tradição comum. Mesmo os judeus em regiões remotas, como a ilha do Marajó e pequenas cidades, conseguiram manter seus rituais judaicos, pois seu espaço litúrgico não precisava necessariamente ser um prédio, bastava um quórum de dez judeus e a leitura da Torá para considerar um espaço doméstico como sagrado.

Assim, mesmo em regiões mais afastadas, os cultos judaicos continuavam a ser praticados, pois diversas comunidades amazônicas reuniam um pequeno número de judeus. Em algumas circunstâncias, judeus que viviam em áreas distantes se casavam com mulheres não-judias. Já as comunidades judaicas nos grandes centros urbanos da Amazônia eram mais apegadas às tradições, organizadas por meio de sinagogas, associações e comitês judaicos. O jornal *Kol Israel* enaltecia essas instituições judaicas regularmente.

Os judeus imigrantes se destacaram como grupo econômico em ascensão e conquistaram espaços de poder através de atividades comerciais e políticas realizadas por comunidades judaicas da Amazônia. Instituições como associações, comitês e o jornal *A Voz de Israel*, sob a direção e liderança de Eliezer Levy, fortaleceram essa elite. A influência política desses judeus junto ao

partido Republicano Federal do Estado e em lojas maçônicas do Pará também era observada.

Essas comunidades judaicas, cientes de sua posição social e econômica, asseguravam que os laços matrimoniais fossem estabelecidos apenas entre membros do grupo. A sessão Notas Sociais no jornal *Kol Israel* indicavam a preferência por casamentos entre judeus com posição social similar, alguns desses judeus até viajavam para o norte da África para se casarem com mulheres judias, que frequentemente se mudavam para a região amazônica após o casamento.

Embora não fossem tão numerosas na Amazônia em comparação com outras comunidades imigrantes, essas comunidades judaicas se estruturaram por meio da fundação de instituições e sedes religiosas, essenciais para a preservação de sua cultura e religiosidade. A primeira onda de imigrantes judeus no Brasil nas primeiras décadas do século XIX foi fundamental para estabelecer sinagogas, especialmente com a chegada dos judeus marroquinos que construíram instituições nas principais capitais do norte brasileiro.

A dinâmica social e econômica desses judeus na Amazônia não diferiu muito das comunidades judaicas em outras regiões, mantendo sua identidade por meio das relações entre si, da fundação de sinagogas e de instituições e associações judaicas que perpetuavam suas tradições e rituais sagrados na região norte do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D' Assunção. **A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PHI/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia - Os Judeus na Amazônia**. 3ª Edição. Manaus: Valer, 2008.

BENTES, Abraham Ramiro. **Ruínas de Jerusalém**. Rio de Janeiro: Bloch, 1987.

BLAY, Eva Alterman. **Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil**. Tempo Social. São Paulo, v. 21, n.2, p. 235-238, 2009.

BLAY, Eva Alterman. **Judeus na Amazônia**. In: SORJ, Bila(org.). Identidades Judaicas no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, p. 33-66, 1997.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARNEIRO. Maria Luiza Tucci. **Judeus caboclos da Amazônia**. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, p. 1-28, v. 15, n. 29, nov. 2021. ISSN: 1982-3053.

CASTRO, Raimundo Nonato de. **Cenário político e caricaturas de oposição em Belém do Pará 1920-1927**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Belém, v.04, n. 02, p. 49-66, jul/dez. 2017.

CONIB. **De ascendência marroquina, Davi Alcolumbre será 1º judeu a presidir senado**. Disponível em: <https://conib.org.br>. Acesso em 14/10/2024.

COSTA, Paulo Marcelo Cambraia. **Na Ilhargá da Fortaleza, logo ali na Beira, lá tem o regatão: os significados dos regatões na vida do Amapá - 1945 a 1970**. Belém: Açai, 2008.

FALBEL, Nachman. **David José Peres: uma biografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil: Estudos e Notas**. São Paulo: Humanitas, 2008.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **Comunicação e História: A imprensa de Belém no alvorecer do século XX**. Revista Brasileira de História da Mídia. Belém, v. 1, p. 33-40, 2012.

GALINKIN, Ana Lúcia. **Judaísmo e identidade judaica**. Interações: cultura e comunidade. Uberlândia, vol. 3, n.4, p. 25-33, 2009.

HELLER, Reginaldo Jonas. **Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia: a imigração dos judeus marroquinos e do Norte da África para o Brasil (Pará e Amazonas) durante o século XIX**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

LEONE, Alexandre. **A sinagoga como espaço religioso e comunitário**. REVER-Revista de Estudos da Religião, v. 19, n. 1, p. 119-131, jan. abr. de 2019.

MONTEIRO, Elson Luiz Rocha. **Maçonaria, poder e sociedade no Pará da segunda metade do século XIX: 1850-1900**. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Pará. 242 f. Belém, 2014.

NOVINSKY, Anita. **Os judeus que construíram o Brasil: Fontes inéditas para uma nova visão da história**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

SANTOS, Alan Christian de Souza. **O senador militar - poder, sociabilidade e escrita de si na trajetória parlamentar de Lauro Sodré (1897-1930)**. Tese apresentada ao programa de Pós-graduação em História-UFPA/PPHIST, 2020.

SIMON, Sergio Daniel. **Kol Israel- A Voz Sionista na Amazônia**. Revista Morashá. São Paulo, abril de 2019. Disponível em: <http://www.morasha.com.br>. Acesso em: 15/03/2024.